A Neta do Arcediago

Camilo Castelo Branco

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A Neta do Arcediago

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

Notas de transcrição:

No livro impresso a partir do qual foi feita esta transcrição, existia um grave erro de impressão na página 179, no parágrafo que começa com a frase: "Não obstante a escaramuça, a cohorte estendia por longe o terror." Este erro de impressão tornava ilegível o parágrafo, pelo que foi corrigido de acordo com uma edição das obras completas de Camilo de 1984.

Foram ainda encontrados diversos erros de impressão, que por não terem qualquer impacto na interpretação do texto, foram corrigidos sem qualquer nota.

* * * * *

A NETA DO ARCEDIAGO.

A NETA DO ARCEDIAGO.

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

SEGUNDA EDIÇÃO.

PORTO,

EM CASA DE CRUZ COUTINHO--EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, n.os 18 e 20.
1860.

PORTO: 1860--TYP. DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA, Rua do Almada, 641.

A NETA DO ARCEDIAGO.

I.

UM BERÇO BORRIFADO DE SANGUE.

Convém, primeiro, saber quem é este cavalheiro, que salta garbosamente d'uma carruagem com uma dama vestida de branco, defronte do theatro de S. Carlos, em Lisboa, em uma noite de fevereiro de 1838.

Por não apurar impaciencias, diga-se tudo já. Este cavalheiro é Luiz da Cunha e Faro. Aquella dama é... Nem tanta bondade! Não se póde dizer, por ora, quem é a dama. Se o leitor é esperto, como supponho, ha de adivinhal-a logo, e, de certo, fica muito contente da sua penetração.

Luiz da Cunha e Faro tem vinte e cinco annos. É um homem feio, segundo a opinião masculina, que se acha em harmonia com a sua. Não era esta, porém, a opinião das mulheres. Algumas que por capricho, em publico, o desdenhavam como feio, desmentiam-se em particular... Não digo que fossem todas; mas tambem não é preciso o

suffragio de todas para a reputação d'um homem feio.

A que chamam v. ex.as feio? Feio é o demonio, dizia minha avó. São e escorreito é o essencial--dizem as velhas, quando as illusões da formosura não tem nada a fazer com ellas, nem, por isso mesmo, ellas teem direito a optar entre o feio e o bonito.

Luiz da Cunha era trigueiro; tinha a pelle bronzeada da cara pegada aos ossos, que lhe sahiam, principalmente os malares, em proeminencias cadavericas. Os bordos das orbitas muito salientes contribuiam muito para que o brilho dos olhos negros e grandes luzisse mais na escuridade das cavernas, debroadas sempre d'um annel bastante escuro para destacar da côr geral de azeitona. O nariz era notavel pela ausencia total do cavalete. A bôca não se lhe via, coberta pelo bigode espêsso, que se não encaracolava nas guias, e cahia em luzentes recurvas sobre ambos os labios. Ora aqui está o que é um homem feio.

Perguntava muita gente a razão physiologica da côr africana de Luiz, tão diversa da alvura ingleza de seu pae João da Cunha e Faro, que, por esse tempo, contava quarenta e cinco annos, e passava ainda por um dos bellos homens de Lisboa.

Pouca gente respondia physiologicamente a tal reparo, porque muito pouca sabia que Luiz da Cunha era filho d'uma mulata.

Agora é que ninguem poderá allegar ignorancia. Eu tenho a honra de responder á curiosidade, que foi longo tempo a mortificação de pessoas muito sizudas.

Sabia-se geralmente que o nascimento de Luiz fôra uma das multiplicadas aventuras amorosas do fidalgo, seu pae; mas a outra

metade productora, o complemento da machina, em que o mysterioso artefacto se fabricára, isso é que os amigos intimos de João da Cunha e Faro ignoravam.

O leitor não perderia muito ignorando tambem. Ainda assim, se não quizerem passar ao capitulo segundo, tambem nada perdem, e ficam sabendo tanto como eu.

João da Cunha frequentára a universidade de Coimbra, quando era mania dos fidalgos deixarem medrar seus filhos na seva opulenta d'uma fidalga estupidez. Em quanto seu irmão mais velho estudava veterinaria para se não deixar enganar em compras de cavallos, João da Cunha estudava mathematicas para se distinguir na carreira militar.

Cursava o segundo anno, com admiravel aproveitamento, quando chegou a Coimbra um moço brazileiro, filho de portuguez, casado com uma mulata, filha d'um rico fazendeiro de café, e fabulosamente rica, segundo era fama.

A intenção do brazileiro era formar-se em naturaes para scientificamente explorar os vastos terrenos do Mexico, onde seu sogro desenterrára o mais grosso do seu cabedal.

E, com effeito, matriculou-se, ao mesmo tempo que sua mulher, desejosa de cultivar o espirito, recebia em casa lições de francez, e inglez.

Ricarda chamava-se ella. Não lhes quero dizer que era bonita, porque receio que zombem da minha franca ingenuidade; porém, não chegue este capitulo ao fim, converta-se-me esta penna em sovela, se eu não gostasse da senhora D. Ricarda, e a não amasse com o delirio de João

da Cunha.

Pois elle ousou?... Ousou... Miserias inherentes ao peccado original! O primeiro homem cahiu, e bem forte devia ser esse primeiro homem, sahido das mãos do Creador, com toda a substancia e rigidez d'uma obra perfeita, com todas as harmonias e segredos para desmanchar o sortilegio da tentação!... Como não cahiria o academico, degenerado pelas fraquezas de tantas gerações que vieram até elle, desde o Eden?

Que tinha, pois, Ricarda de seductora?

O que ella tinha! Sabem o que é ter um coração de lume, lume que não se esconde, em quanto ha olhos que o dardejem em lavaredas electricas? Sabem o que é o nervo optico, ferido d'esse galvanismo da alma, que se lhe côa nas fibras, que se communica aos musculos, que se injecta na pupilla vertiginosa, que se lança fóra do corpo em scintillas contagiosas, até vos pegar uma febre, que se não cura com a quina? Sabem o que é a voluptuosidade da mulher dos tropicos? Não crêem que o sol, a prumo, se infiltra n'ella, e a queima desde os quatorze annos, com uma sêde insaciavel de gosos ternos, morbidos, e elanguescidos como a requebrada cantilena d'uma carioca?

Ricarda, além de tudo isto, tinha cousas de encantar. Dizia uma cousa singela com tantos artificios de graça, de meiguice, e de cansaço, que mais valiam as simples palavras d'ella, que os beijos mais suavemente chilreados de uma europêa. As perolas, que tão lindo lhe faziam o sorriso brando, raro se mostravam, porque, se os olhos diziam tudo, o sorriso não lhe vinha auxiliar os gestos. E a flexibilidade das fórmas? Que donaire, que gentileza, que perfeição de estudo, ou que naturalidade tão caprichosa em enriquecêl-a!

Bem haja, pois, João da Cunha, que adorou a omnipotencia do

Creador, sem perguntar ao abbade de Salamonde a gravidade da culpa, adorando a mulher do seu proximo, de mais a mais, seu contemporaneo. Bem haja, digo eu meio resolvido a rasgar este periodo, se o leitor, por uma sobrenatural revelação, me não diz que bem póde ser que o academico não esteja condemnado pela mesma razão que Magdalena foi salva. Amar muito! Sem esta virtude, Deus sabe se a acta das santas nos faria menção da dedicada galilea!...

Não quero inculcar a santidade de João da Cunha. Creio até que o homem nunca se lembrou d'estas honras posthumas, e a universidade, com quanto produza grandes doutores para a mitra, ainda não deu um para a igreja. O mathematico era capaz de renunciar á canonisação se lhe pedissem a troco o sacrificio de abjurar o amor, que o trazia tão longe da sciencia, e tão avêsso ás obrigações academicas, que, antes de Paschoa, tinha perdido o anno por faltas, e dissera incriveis disparates em duas lições, que o desacreditaram.

João da Cunha soubera insinuar-se na confiança do brazileiro. Era sua visita em vespera de feriado. Fallava francez com Ricarda, e solvia, em mathematica, as difficuldades que o obtuso marido não vencia.

Seria impertinencia alongar de sobejo este episodio, que não vem ao essencial da nossa historia. O leitor, amigo da concisão, quer que eu lhe diga se aquella mulher de fogo se conservou incombustivel, como o amiantho, na presença do estudante. Não, senhores. Fosse pelo que fosse, a brazileira parece que não tinha ideias muito claras a respeito dos deveres conjugaes. Seu marido, allucinado pela sciencia, retirou-se cá de baixo para tão alto que não podia vêr a terra onde sua mulher vacillava ao pé de um abysmo. Acordou, uma manhã scismando n'um _x_, que o fizera adormecer ás duas horas. Chamou

sua mulher, que o costumava saudar em francez do quarto proximo. D'esta vez não ouviu lingua alguma das que se entendem no globo. Entrou no quarto para contemplal-a no somno feliz de quem não estuda mathematica. Achou um leito vazio. Correu a casa toda, chamando-a, com sobresalto, que não era ainda o da certeza. Nem a criada encontrou! Volveu ao quarto de Ricarda. Reparou que sobre a commoda não estava um cofre de marfim. Era o adereço de Ricarda: os seus brilhantes que valiam uma fortuna; os mais ricos diamantes que deram as Minas Geraes; as melhores pedras do Novo-mundo, o valor de quatro dotes opulentos!

Desde esse dia, o brazileiro não tornou ás aulas. Sabe-se que foi curado d'uma congestão cerebral. Viram-no, dous mezes depois, sahir de Coimbra, sem estender a mão aos amigos, compadecidos do seu infortunio. Passára por entre elles sem os vêr. Reputaram-no doudo, e vingaram inutilmente a affronta que o enlouquecêra, execrando o infame João da Cunha que lhe roubára sua mulher.

Mas, um dia, dez mezes depois, passára o brazileiro na rua do Ouro, em Lisboa, e vira n'uma taboleta de ourives um annel com uma esmeralda, cravejada entre doze brilhantes.

--Quanto pede por este annel?--perguntou elle.

--Dous contos de reis.

--Comprou as pedras separadas, ou o annel?

--Comprei o annel.

--Ha muito tempo?

--Ha dous mezes.

--O vendedor era portuguez?

--Creio que sim.

--Garantiu-lhe a legitima venda de que era seu? Creio que me não entende... Tem a certeza de que este annel não fosse um roubo?

--O cavalheiro que m'o vendeu é um fidalgo.

--Conhece-o?

--Conheço, sim...

--Desculpe estas perguntas, porque eu quero comprar o annel, e não o faria sem a certeza de que ámanhã me fizessem as perguntas que eu lhe fiz.

Pouco depois, o ourives recebia dous contos de reis por um annel que comprára por cincoenta moedas. Contente da veniaga, esquecêra-se da reserva que lhe fôra pedida, quando o comprou, a respeito do vendedor. A alegria fizera-o indiscreto e expansivo. Dous contos de reis era dinheiro para trinta Judas, e demais o ourives não sabia o valor do segredo.

--Visto que me comprou o annel, vou dizer-lhe quem m'o vendeu; mas v. s.ª guarde segredo, não porque seja um furto; mas porque é um melindre. Este annel foi-me vendido por um dos primeiros fidalgos de Lisboa; mas o homem pediu o segredo do seu nome, para que o não julguem em más circumstancias. A v. s.ª posso dizer-lhe o nome...

--De certo póde, mesmo porque eu estou em vesperas de embarcar para o Brazil, que é o meu paiz.

--Lá me pareceu logo que v. s.ª era brazileiro... Por cá não ha quem dê assim dinheiro por uma obra de gosto... Pois, senhor, o ex-possuidor

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com